

Função paterna e imigração: o episódio Mucker à luz da psicanálise*

Por Lúcia Serrano Pereira**

Resumo:

O fenômeno Mucker está associado às rupturas dos laços simbólicos inerente a todo processo de imigração e colonização. Frente à ruptura com a terra natal, à decepção com a nova terra, às péssimas condições de vida da colônia, Jacobina funcionou como um Nome-do-Pai, no sentido de servir como um tipo de “ancouradouro” do Outro, possibilitando na organização comunitária a sustentação de um laço social que se encontrava maltratado, enfraquecido; recuperando algo da dignidade desses sujeitos, devolvendo-lhes certa condição de pertença. O desfecho sangrento do fenômeno mostra que quando o laço simbólico sofre rupturas, aparece a tendência das relações passarem a ser orientadas pela força e pelo domínio, propiciando a configuração de um confronto que não aceita nenhum tipo de pacto viável.

Introdução

É difícil considerar a possibilidade de prática da Psicanálise sem levarmos em conta a historicidade e a cultura de onde se está. A história dos grupos aos quais cada um pertence (família, nação, etc.) deixa para o sujeito uma gama de possibilidades de posições subjetivas que ele, por ser filho dessa cultura, vai poder ocupar de forma singular, de acordo com o momento em que ele vem, pelo quadro discursivo que o acolhe. Por isso a história dos grupos é decisiva na nossa determinação simbólica (ref. C. Calligaris).

Ao mesmo tempo, as heranças identificatórias não são conscientes. Não é preciso conhecer a história de um país, de uma filiação, para sofrer seus efeitos. A

* Texto apresentado na Convergência Lacaniana de Psicanálise, em Barcelona, em 1997.

** Lúcia é psicanalista e vice-presidente da Associação Psicanalítica de Porto Alegre - RS.

aposta que fazemos ao falar transitando um pouco pela história é que isso possa permitir engajamentos talvez um pouco diferentes.

Temos um país de origem colonial, e que, além disso, recebeu imigrantes dos mais diferentes contextos.

Uma notícia publicada na página policial de um jornal em Porto Alegre, há pouco tempo, me interrogou nesta direção. Informa o acontecimento de crimes brutais e inexplicáveis que vem ocorrendo em uma cidadezinha do interior, o último sendo o corpo de uma mulher encontrado decapitado na estrada. Extraídas as digitais, a identificação resultou negativa. “Esta mulher nunca deve ter tirado uma carteira de identidade”, explicou o policial; ou seja, não se sabe seu nome. Mas o que chama a atenção na reportagem é o tom de ressurgimento que veicula. A manchete do texto é: “Violência ressurge na terra dos Muckers”. E nas primeiras linhas: a violência adormecida desde o século passado começa a ressurgir com força.

Quem são os Muckers?

Os Muckers foram um grupo de colonos de origem alemã que protagonizou uma das situações mais brutais na história da imigração no RS, ao final do século XIX. Naquela ocasião, a colônia alemã sofreu uma divisão, estabelecendo-se uma guerra fratricida e um massacre violento; o governo intervindo ao final com cerca de 700 soldados para combater as poucas famílias Muckers que ainda resistiam.

O corpo de mulher decapitado e sem identidade encontrado na estrada, hoje, evoca uma outra mulher, chamada Jacobina, que ocupou o lugar de líder e condutora dos Muckers, levando o grupo a um movimento de cunho messiânico. Jacobina, inspirada nos escritos do Apocalipse, se dizia “a voz de Cristo”, nomeava apóstolos em meio a transes e profecias, conduzindo seus fiéis a romper os laços com a

comunidade. No seu último ato, os Muckers incendeiam as casas dos “inimigos”, que eram os próprios parentes. A seguir, são exterminados.

Ficou em torno dos Muckers algo de mistério, de perplexidade e de mal-estar. Ninguém gosta de ter relação nem parentesco com isso ainda hoje, e o trabalho religioso na região ainda enfrenta dificuldades.

O que *Mucker* veicula no tecido da imigração no sul do Brasil? O episódio põe em questão algo da dificuldade nesse processo migratório, sua problematização, pois ali não foi possível nenhum tipo de mediação que impedisse o confronto. E o desfecho de extermínio é ainda no nosso contexto um cotidiano preocupante e atual.

Mucker, do alemão, designa falso beato, hipócrita; é pejorativo. Assim foram chamadas as famílias colonas que passam a reunir-se em torno do “wunderdoctor”, como chamavam o colono João Jorge Maurer. Conhecedor de ervas medicinais, recebia os doentes com suas famílias, e muitos permaneciam em sua casa para o tratamento. Jacobina, sua mulher, gostava de falar com as famílias lamentando a situação deplorável em que se encontravam os colonos, recomendando que se reunissem à noite para a leitura da Bíblia, na tradição protestante do culto doméstico. Com as leituras e as conversas que ela orienta, sua palavra passa a ter um peso e uma legitimidade extremamente fortes na comunidade que vai se organizando. Quem vinha, na grande maioria, eram aqueles que tiveram que vender a terra, os que foram ficando marginalizados. Não havia nada de espetacular nem de milagroso nos tratamentos, mas havia uma particularidade: a cura implicava uma convivência. O que os Maurers ofereciam era algo mais do que uma receita, era o acolhimento da miséria, da marginalidade desses colonos.

Do contexto de onde vinha o colono, a comunitariedade era vital. Então, não é que com os colonos do “wunderdoctor” vai criar-se uma sociedade religiosa. A religião está inserida nessa organização, e quem trabalha o religioso na família colona é a mãe. Entrando na casa de Jacobina, não estamos entrando num movimento sacro.

Nem, de início, em um movimento messiânico. O que ocorre com as leituras e as conversas que ela orienta é que sua palavra passa a ter um peso e uma legitimidade extremamente forte no grupo.

A questão da filiação paterna na imigração

Talvez seja importante considerar que a questão da imigração já coloca por si só uma complexidade do lado dos laços simbólicos, das referências paternas, um afastamento da própria filiação (o pai que se tem que recalcar) e a entrada num novo meio social onde não se tem o reconhecimento como filho. Sabemos que é do lado do simbólico que, enquanto sujeitos produzidos relativamente a uma filiação, temos um lugar desde onde falar e desejar, e uma posição sexuada. Quem sai do seu país de origem na condição de emigrante faz de alguma forma o recalque da filiação em nome da qual se constituiu como sujeito. É uma operação um pouco inevitável, até mesmo para “agüentar” sair. Ao chegar a um novo lugar na condição agora de imigrante, pede-se filiação a um novo pai. Temos aí a problematização da questão paterna, que não deixa o imigrante numa situação muito fácil, pois o pai da linhagem é um nome ao qual nos liga uma dívida simbólica, e o novo pai, mesmo que a ele se peça o reconhecimento enquanto filho, ainda é um pai que, por ser novo, talvez peça, supostamente, um pagamento no real para dar seu reconhecimento.

As promessas aos imigrantes não se efetivaram na chegada ao Brasil: terra e isenção de impostos, a manutenção da religião de origem, instrumentos de trabalho, dinheiro por cabeça e a naturalização. Nos primeiros vinte anos eles tinham a posse da terra, mas não os documentos, o que impedia a naturalização no país. O colono não tendo terra nem renda suficiente não poderia ser votado nem votar. Nessa vinda do alemão, tratava-se bem mais de trazer gente para branquear a raça, ter mão-de-obra, assegurar a fronteira, abrir estrada, plantar para alimentar o exército; não se tratava de cidadania.

A imigração alemã trouxe para o Brasil, na sua maioria, camponeses vindos de uma situação de servidão com o sonho de mudança dessa condição. Assim que não é de estranhar que os doentes reunidos ao “wunderdoctor” e Jacobina tenham passado do que era a cura dos males do corpo para o apelo de consolo de espírito, na decepção da promessa e do sonho de mudança.

A hipótese que faço é a de que Jacobina tenha funcionado como um Nome-do-Pai - no sentido de servir como um tipo de “ancouradouro” do Outro - possibilitando na organização comunitária a sustentação de um laço social que se encontrava maltratado, enfraquecido; recuperando algo da dignidade desses sujeitos, devolvendo-lhes certa condição de pertença. É possível que em uma estrutura onde algo da lei se apóie em uma potência escravizante, a dignidade de sujeito acabe sendo esperada de um ato que apareça à margem (ref. C.Calligaris em “Hello Brasil”).

A ruptura messiânica dos Muckers e a ruptura dos laços simbólicos na colonização

Na preparação deste trabalho tomei contato com os textos reunidos sob o título “De um inconsciente pós-colonial, se ele existe”. Destaco desta leitura um ponto que faz pensar no lugar que Jacobina ocupa, ao levar em conta que nas situações de grupos oprimidos, se algo da tradição ou dos ancestrais chega de alguma maneira a ter alguma transmissão, mesmo clandestinamente, a sobreviver quando não se tem mais os rituais de origem ou que eles tenham que ser restabelecidos ou reinventados, isso é feito em geral pelas mulheres. No lugar suposto de certa fraqueza vai se manifestar algo do garante fálico do grupo, de certa forma de um lugar um tanto inesperado, inusitado (ref. “Le complexe de Colomb” - Ch. Melman).

Nos primeiros quarenta anos de imigração, os próprios colonos tiveram que preservar sua religião. Os religiosos oficiais, quando chegam, afirmam que esta “religiosidade colona” estava errada, que foram quarenta anos incorretos, indevidos. As comunidades que continuam com aquela prática religiosa, como o grupo de Jacobina, passam a ser atacadas pelos padres e pastores nos seus sermões e pregações. Para os religiosos católicos e protestantes, os Muckers passam a representar o obscuro, o primitivo.

Na imprensa da época, o Mucker aparece como um desvio, a encarnação da barbárie que precisa ser extirpada.

O movimento que até então era pacífico vai fechando-se, a dimensão messiânica instalando-se com as leituras dos textos do Apocalipse, com as promessas de redenção e os delírios de Jacobina. Cristo fala através dela. Sua palavra polariza os fiéis indicando o caminho da salvação. Ela passa a encarnar no real o que o discurso social lhe propõe. Embora através da transformação em um personagem, isso opera como reconhecimento. Jacobina reencontra sua filiação de um modo delirante: o que o discurso social simboliza para representá-la, ela o torna real.

A ordem que permitia a convivência sofre uma ruptura. Sabemos que onde os laços simbólicos encontram-se enfraquecidos - quanto menos defendidos pelos laços simbólicos - mais exposto se está a uma promessa, um certo delírio de salvação, de redenção, que acabe tomando lugar enquanto imperativo. Em outros termos, uma falha simbólica que abre lugar a uma solução buscada no real, pela violência, pela força, e que é sustentada num certo excesso imaginário, eleitos por Deus.

O messianismo de Jacobina - tornar-se a voz de Cristo - pode ser pensado como uma tentativa de “realização” do Outro, uma realização de Deus.

Por onde podemos pensar um pouco mais essa falha na ordem, nessa ordem que permite que as pessoas convivam, se organizem socialmente?

O colono em questão não encontrou na chegada um mínimo de referências nacionais que pudessem ajudar na sua instalação. A naturalização, quando é imposta a quem chega, pode valer como um traumatismo, mas por outro lado, quando é recusada, pode valer como um “não me aceitam pela minha origem”, pedindo um recalque ainda maior. Mas o apontamento dessa situação não vai na direção de fazer uma interpretação da condição do colono, como se pelo seu desenraizamento ele só pudesse fracassar. De certa maneira todos os que vieram no caminho da imigração precisaram trabalhar a questão das promessas e da origem.

O laço simbólico do qual falávamos é o que organiza nossas relações, é o que faz o reconhecimento do outro enquanto um semelhante, permitindo uma convivência possível. Nas situações em que esse laço sofre rupturas, se enfraquece, rapidamente aparece a tendência da relação passar a ser orientada pela força e pelo domínio. O Mucker já não é mais o colono, mas o fanático, o monstro, o sanguinário. Surge aí um problema real na distribuição dos lugares, propiciando a configuração de um confronto que não aceita nenhum tipo de pacto viável.

Freud, a propósito da exclusão nos grupos sociais, nos diz: “sempre se poderá vincular amorosamente entre si um maior número de homens, com a condição de que sobrem outros em quem descarregar os golpes”. Fala das comunidades vizinhas e ainda aparentadas como os que mais combatem e desdenham entre si, fenômenos que chamou de *narcisismo das pequenas diferenças*.

Lacan retoma a questão do narcisismo das pequenas diferenças ressaltando a importância desta proposição freudiana, na medida em que nesta “pequena diferença” articula-se tanto uma função simbólica, um traço que nos singulariza, quanto a miragem do narcisismo, que acena com um horizonte de eliminação: “ou eu ou o outro”. É também aí que se joga a diferença entre identificação e identidade, na subjetividade.

Voltando aos nossos colonos, talvez possamos pensar que algo do efeito de intolerância vem na relação ao narcisismo, resultando no caminho da paranóia.

A designação Mucker diz da passagem de um semelhante para o lugar do inimigo, e o revide Mucker evoca algo do especular no sentido de acabar sendo o que o outro vê nele - o herege, o monstro, o assassino, etc.

Conclusão

Com esses aportes sobre a questão da imigração em nosso país que através da história dos Muckers tentamos destacar, gostaria somente de pôr em contato as dificuldades quanto a sustentação subjetiva, as incidências de ordem social/simbólica e a resposta na violência com aquilo que parece também aí incidir ou coincidir: a imposição de um laço nas situações coloniais, cuja única via é também traçada pela violência, e seus efeitos.

Isso me vem a partir da interrogação: em que medida nossa subjetividade pode ser comandada por um efeito colonial? (do texto de Melman – “Complexo de Colomb”).

Se pensarmos, como ali proposto, o colonialismo como a dificuldade de tomar o real de outra maneira do que pelos parâmetros que nos são familiares, a posição dos religiosos oficiais católicos e protestantes frente à religiosidade colona dos primeiros tempos pode ser exemplar.

Se tomarmos em conta o lugar em que esse colono imigrante é recebido na esteira do colonialismo, na substituição do lugar escravo em uma certa condição de recalque, não é de espantar a resolução pela força e pelo domínio, pois quem porta a marca do escravo não tem a condição de semelhante.

Considerando ainda que o episódio Mucker ficou como um mal-estar, um resto, falado no tom de um ressurgimento violento, talvez a irrupção messiânica veiculada pelo significante Mucker valha como o apontamento de um sintoma desta imigração marcada pela herança colonial.

Inúmeros movimentos dos chamados colonos sem-terra tomaram por todo o Brasil, até hoje, o caminho dos messianismos. Alguns também exterminados. Resíduos intratáveis, dizem os antropólogos. Assim como esse corpo de mulher, decapitado, sem nome, encontrado na estrada, assim como as chacinas dos meninos de rua, o extermínio nas favelas, os sacrifícios humanos e a proliferação de seitas religiosas. Restos que envolvem mais do que a terra ou o território, questões relativas à cidadania.